

Palco de letras

Ao buscar um público pouco habituado à leitura, as editoras ajudam a encher os teatros

Talvez nem seja questão de falta de criatividade na dramaturgia. Mas as peças baseadas em livro que fazem sucesso na atual temporada indicam que, pelo menos quando se trata de seduzir o cobiçado e arreio público jovem, o teatro tem ido pedir conselhos à literatura. Três montagens, em particular, sugerem essa fórmula. *Porcos com Asas*, baseada no romance dos italianos Marco Radice e Lidia Ravera, em versão paulista após seis meses de carreira no Rio em 1983; *Morangos Mofados*, inspirada no livro de Caio Fernando Abreu, de volta ao cartaz na sexta-feira, 29, no Teatro Brasileiro de Comédia, após fulminante temporada de três semanas no Centro Cultural São Paulo; e *Feliz Ano Velho*, que repete o sucesso editorial do romance de Marcelo Paiva, estréia no Rio dia 11 de julho, após ter sido vista por mais de 100 mil pessoas, durante um ano em cartaz em São Paulo.

"O grande barato da minha geração é música, não é ver peça nem ler livro", diz Marcelo Paiva, 25 anos, autor de *Feliz Ano Velho*. Mas a carreira da peça e as 35 edições de seu livro, assim como as 5 de *Porcos com Asas* e as 7 de *Morangos Mofados*, mostram que sua geração, quando alguém se ocupa dela, não fica indiferente. Era isso que pensava, em 1980, o diretor da Editora Brasiliense, Caio Graco Prado, ao lançar a coleção onde se incluem os três livros - chamada, não por acaso, *Cantadas Literárias*. "Percebi que era preciso agradar ao não-leitor", lembra Caio Graco, preparando-se para lançar o vigésimo título dessa coleção.

Depois de seduzir quem não lia, os três livros se transformaram em peças para quem não ia ao teatro. Exatamente



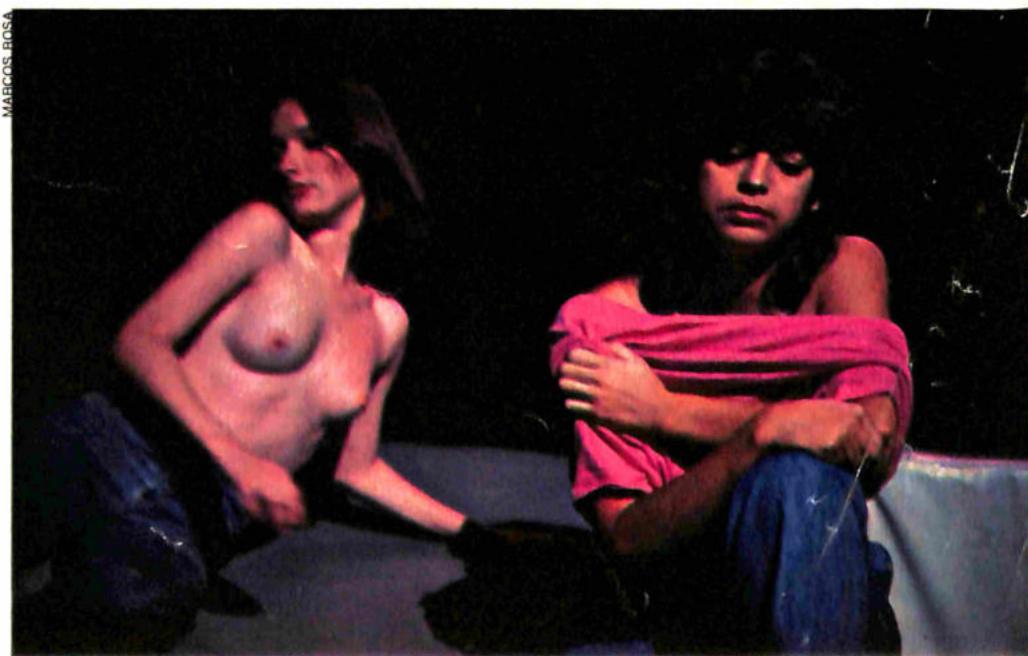
"Morangos Mofados": linguagem corporal

PAULO LEITE

como queriam os responsáveis pelas montagens. "Não interessa mais falar para quem freqüenta o teatrão, o teatro com th", diz Paulo Betti, 32 anos, diretor de *Feliz Ano Velho*. "São umas senhoras horrorosas, que só saem aos pares com os maridos e consomem peças como aperitivos para abrir o apetite", reclama ele. Descobrir outros espectadores, ele diz, "é a única forma de não apodrecer".

Para isso, Betti, como Paulo Yutaka, 32 anos, diretor de *Morangos Mofados*, e Mário Sérgio Medeiros, 28, que adaptou e dirigiu *Porcos com Asas*, trataram de pôr em cena questões que inquietam seu interlocutor: sexo, relações afetivas, solidão, liberdade e um persistente resgate dos sonhos dos anos 60.

"O que me atraiu em *Porcos com Asas* é a sua capacidade de falar de sexo sem constrangimento ou didatismo", diz Mário Sérgio Medeiros, que buscou, em sua encenação, ser mais explícito do que sugestivo. "Eu quis mostrar mesmo, sem lençóis nem contraluzes, para que o adolescente saiba que seus sentimentos não são exclusivos, mas parecidos com os dos outros." E mostrou. Se a censura barrou os menores de 18 anos, os maio-



"Porcos com Asas": o sexo sem lençol nem contraluz

MARCOS BESA



ENEDINA SERRANO

Para Caio Fernando Abreu, autor de *Morangos Mofados* e adaptador de *Reunião de Família*, existe entre os jovens a nostalgia de uma liberdade que eles não chegaram a conhecer, do sonho hippie. "Nós somos as testemunhas mais próximas que eles têm, somos quem pode contar como as coisas podem ser diferentes", diz.

Animado com essa perspectiva, o gaúcho Caio retomou, no ano passado, sua atividade dramatúrgica, interrompida quando ele se mudou pela primeira vez para São Paulo, em 1968. Adaptou para teatro o romance *Reunião de Família*, de Lya Luft, que estreou no sábado, 16, em Porto Alegre. A adaptação de *Reunião de*

Família não tinha como alvo nenhuma geração desgarrada das platéias, mas atender a uma exigência mais específica: dar ao diretor Luciano Alabarse, que só monta textos gaúchos, a oportunidade de vasculhar neuroses dos subterrâneos familiares.

Daqui em diante Caio vai trabalhar com suas próprias idéias para escrever novas peças. O que não significa encarar uma tarefa mais ambiciosa.

"Suei para adaptar *Porcos com Asas*", diz Mário Sérgio Medeiros. E explica: "Ao materializar as imagens de um livro, você perde em sutileza, além de ser difícil conservar o humor, a gostosura do texto". O teatro, como ele descobriu, a braços com diversas versões, tem um ritmo próprio que só o adaptador ousado o bastante para escapar à estrutura do livro consegue alcançar.

"Dizem que o adaptador, como o tradutor, deve ser muitas vezes um traidor", aconselha Yutaka. Para ele, "trair a forma é a única maneira de ser fiel ao conteúdo". Se não acreditasse nisso, não conseguiria encenar, como fez, um conto inteiro sem usar uma só palavra.

Em seu trabalho com *Feliz Ano Velho*, Alcides Nogueira teve que vencer vários obstáculos. Um deles era conservar o coloquialismo e a intimidade da linguagem de Marcelo Paiva. Outro era seduzir, num texto teatral, "uma moçada que não conhece o código de teatro". E, finalmente, o mais tormentoso era concorrer com a expectativa que um best-seller costuma gerar. "E o medo de ouvir, depois, que o livro era melhor?"

Marta Góes ▲

FERNANDO PIMENTEL/ABRIL



Caio Fernando

res de 40, que de vez em quando se aventuram ao espetáculo, têm aplaudido calorosamente o que vêm.

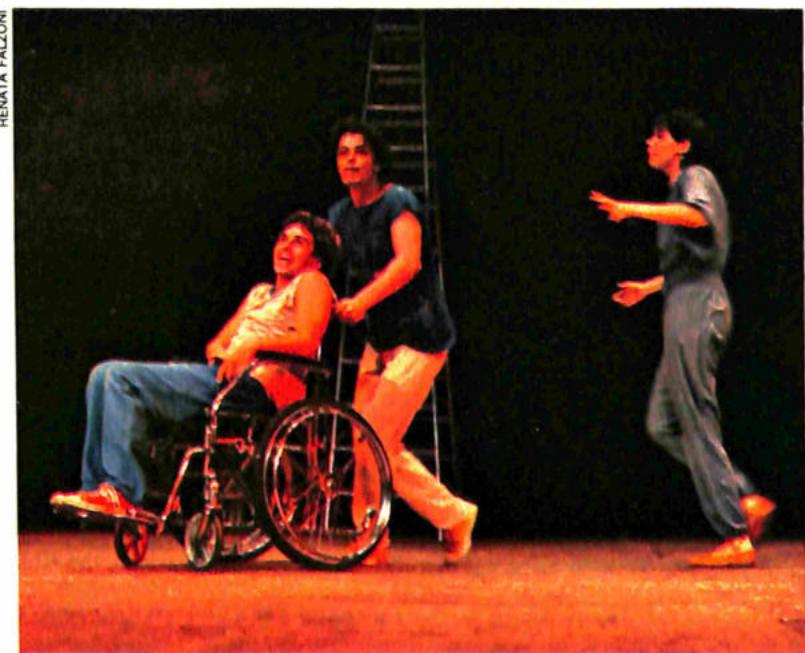
Paulo Betti debruçou-se sobre *Feliz Ano Velho* com o Núcleo Pessoal do Victor e o dramaturgo Alcides Nogueira por achar que era "o retrato mais vivo que já se escreveu sobre a forma de pensar da geração dele". E o grupo Quadricrômico, para quem Paulo Yutaka dirigiu *Morangos Mofados*, enxergou no texto de Caio Fernando Abreu a matéria-prima ideal para levar adiante sua pesquisa de linguagem mímica. "Acho que a essa altura todo mundo já sabe que existe conflito", diz Eli Drey, 24 anos, uma das atrizes. "Queríamos uma coisa que transcendesse: o conflito e o que mais?", ela explica. Em *Morangos Mofados* encontrou sobretudo contemporaneidade e climas. "O Caio Fernando é especialista nisso", diz o diretor Yutaka.

Para encontrar o que desejava, contudo, o Quadricrômico teve que arreganhar as mangas. Ou os jovens dramaturgos estão ocupados com velhas questões ou estão lidando com as novas de uma forma antiga. Há quem diga até que não existem novos dramaturgos. "Não há bom-mocismo que me faça passar da terceira página", diz Paulo Betti, jurado do tradicional Concurso de Dramaturgia do

Inacen (Instituto Nacional de Artes Cênicas), que todo ano premia textos que raramente chegam aos palcos.

Os jovens autores de hoje têm, quase todos, mais de 35 anos. "Alguns até mais de 45", diverte-se Mário Prata, que, aos 38, começa a achar que a safra a que pertence, revelada em 1970, já merecia passar a faixa a sucessores.

Um inescapável candidato a sucessor, Alcides Nogueira, 34 anos e sete peças encenadas, adaptador de *Feliz Ano Velho*, explica: "Nós somos a primeira geração pós-Censura. Herdamos tão pouco que agora estamos lentamente abrindo caminho". Paulo Yutaka, que passou seis anos exilado, na Holanda, concorda: "Precisamos de uma ponte entre a geração 68 e a que está aí e que eu chamo de abobrinha inteligente".



"Feliz Ano Velho": mais de 100 mil espectadores